

# A REFORMA.

PROPRIETÁRIO E REDACTOR—O BACHAREL ANTONIO DE SOUZA RUBIM

ANNO I

As publicações particulares devem vir devidamente responsabilizadas.  
Escritorio e redacção—Rua da Gloria n. 18

Theresina, 20 de Março de 1888

Publica-se uma vez por semana

Assinaturas—Por anno 8-900.—Per semestre 5-900.—Pagamento adiantado

NUMERO 48

**O bacharel Francisco José de Viveiros Castro, como presidente da provincia do Piahy, —foi simplesmente um prevaricador. Parece sepultis**

## EXPEDIENTE

Prevenimos aos srs. assignantes em debito que se até o dia 30 de abril futuro não mandarem pagar a importância de suas assignaturas do primeiro anno, findo com a edição do presente n. ser-lhes ha suspensa a remessa da «Reforma» de dia 1.º de maio em diante.

## A REFORMA

18 de março de 1888.

### O sr. Viveiros de Castro

Ao sr. Francisco José de Viveiros Castro viemos fazer os funeraes do estylo.

Não podemos mais considerá-lo vice-rei destes antigos domínios do solar augustino, porquanto, ascendendo aos conselhos da corôa o emerito senador Luiz Antonio Vieira da Silva, parece-nos que o sr. Viveiros de Castro, por honra e dignidade propria, sendo alem de tudo, como é, exarvocata da gemma, não pode, nem deve, continuar a representar o papel de delegado de um governo, que subio com a bandeira da liberdade e em cujo seio encontram serios entraves as ambições castristas.

Do scenario politico—administrativo está s. exc. eliminado, duplamente colhido pela posição adversa em que se acha para com o ministerio actual e desprestigio a que chegou a sua triste e sempre omni-nosa administração.

Fazer a resenha de todos os actos do governo de s. exc. no torrão piahyense seria emprender iaglorio e infructifero trabalho—o de catalogar todos os seus crimes, todos os seus desmandos.

Nem como Sylla s. exc. pode dizer:—Ninguem fez mais bem a amigos e mais mal a inimigos.

S. exc. fez tanto mal aos amigos como aos opposicionistas.

Trabiado e trabiado constantemente o governo, que representava, cavou bem funda a ruina do seu proprio partido, hostilizando ostensivamente ao deputado Coelho de Rezende, que sempre apoiou ao gabinete Cotegipe e fornecendo aos diferentes ministros informações vergonhosas contra pobres e honrados funcionarios conservadores.

Aos adversarios negou abertamente justiça, ferindo-os nos seus mais caros direitos e perseguindo-os sem treguas, sem rebuço, sem cavalheirismo.

Lançar sobre a provincia o labêo ignominioso de traficante; esbanjar os dinheiros publicos, onerando o thesouro por meio de contractos desvantajosos; confligir as localidades, agulando com a impudência os javizeros da sua guarda; reeduzir á escravidão ingenuas matriculadas com declaração de idade comprobatoria da sua liberdade; exaurir as autoridades mantenedoras da lei, em nome da politicagem reles e filuciosas; dirigir aos ministros reservados mentirosos e desleaes; calcar aos pés a propriedade indivi-

dual e a liberdade do cidadão á força das batonetas dos seus snissos, eis em resumo a vida administrativa de s. exc.—te nebre e ingloria pagina da historia piahyense.

E' que s. exc. entregou-se de corpo e alma aos pagodes, ás danças, aos chás, com que desmortearam ne os poucos que cercavam, alheando completamente d'si, não a responsabilidade, mas a direcção do governo desta infeliz provincia.

Em tudo s. exc. foi nullo, inepto, desleal e automata. Governou despatricamente, por isso mesmo que foi governado por individuos que converteram n'um instrumento de odios e caprichos inconfessaveis.

Culpa não leve, porem, s. exc. de todas essas monstruosidades administrativas, que praticou. Ciba a principal autoría dos seus crimes áquelles que investiram do alto cargo de presidente da provincia, quando s. exc. não se recomendou—nem pela justiça, nem pelo bom senso, nem pela moralidade, nem pelo talento, nem... pelo tamanho.

Podemos synthetisar o seu julgamento nestas palavras:

O bacharel Francisco José de Viveiros Castro, como presidente da Piahy, foi simplesmente um prevaricador.

Ahi se encerra o seu epitaphio—, não como o de Sylla, mas tal como s. exc. o merece.

## PAGINA CONSERVADORA

### O sr. dr. Viveiros de Castro

O filho do sr. Conselheiro Gomes de Castro conceder-nos a honra de um compromisso, vindo á falla na «Epoca» de 10 do corrente.

Custou, mas veio, trazendo os costados a gotejar sangue das feridas abertas com os golpes do nosso *rebenque*.

Diz o destructavel moço, palhaço do *circulo-onça*, que demorou-se a vir á barra da opinião publica responder pelas correrias de sua perfidia administrativa na esperança de que o nosso collega dr. Coelho de Rezende, zeloso *advogado da companhia*, elevasse o debate para ter resposta completa.

Esta chapa, utilizada pelos folliculários da gazeta do sr. dr. Viveiros de Castro, e agora por s. exc., é assás trivial.

O sr. dr. Viveiros de Castro lamenta que um representante da nação abraisse contra si opposição na imprensa por *imposição do partido liberal*, por *instigações de seus poderosos patronos*, como diz s. exc. a respeito do nosso collega dr. Coelho de Rezende.

Achamo-nos possuidos dos mesmos sentimentos para com s. exc.

Lamentamos que s. exc., por espirito servil e facil, se deixasse cavalgar pelo *centro-onça*, abrindo opposição injusta e infamante contra um representante da nação, amigo do governo que fez o sr. Viveiros de Castro presidente desta provincia para administrá-la, não como convem á politicagem dos tartufos que se apossaram do animo e vontade do imbecil pimpotho, herdeiro presump-

vo de todo o norte do Imperio do Brazil; mas conforme as vistas e as ideias politicas da situação, fortalecendo-a pela união dos co-religionarios e pelo respeito ás posições adquiridas dos amigos.

Sim, s. exc., *incitado pelos individuos do centro, de quem s. exc. é o mais lozil instrumento nesta provincia e especulado na vaidade por almas pouco generosas, que se aprazem no espectáculo lepradante do rebuzamento de um character, continêa cada vez mais refractario ás regras do simples bom senso, manivella desastrado, incorrigivel no seu governo, abdicando por uma vez nas mãos dos perversos que o dominam, os ultimos laivos da dignidade do seu desvirtuado governicho.*

O sr. dr. Viveiros de Castro não inuria o nosso collega dr. Coelho de Rezende, suppondo-o insirado pelos liberaes na opposição ao seu *minietado* governo, porque s. exc. mede-o por uma bitola, maniado, como o é, pelos seus patronos do centro.

Que o nosso collega tem bastante actividade e vismo para não obrar sob as inspirações de outrem, sabe-o o sr. dr. Viveiros de Castro desde o dia 15 de janeiro findo, quando elle rompeu nas agnias desta gazeta contra sua infeliz e ridicula administração de botos e bajulações.

No editoria da *Página Conservadora*, de 15 de janeiro estão apontados, *um cum*, os motivos do rompimento do nosso collega com a administração de s. exc., que elle teve a longanimidade de tolerar desde 28 de novembro do anno findo até esse dia.

Portanto, sr. dr., se o nosso collega fosse homem para se submeter á imposições; se quizesse ter patronos, não romperia com s. exc., que tem pie acidade, por cujos favores muitos dos seus lacaios agalados suspiram.

Se o nosso collega fosse capaz de desempenhar, ao menos uma vez, o papel de intrigante, mexeriqueiro ou bajulador, furtiva vistas gordas ácerca do seu procedimento, procural-o-ia em seu palacio ou em qualquer parte onde o seu encontro fosse facil, e á força de curvaturas, mentiras e calemnias (pabulo que melhor sabe aos espiritos imbecis) estaria senhor da situação. Mas nada disso succedeu; ao contrario, apesar de sua alta prosapia, o nosso collega tem escovado-lhe o pello, não como o faria a um inimigo fidalgo, nobre e leal que sabe empunhar as armas da raça patricia, mas a um adversario, que sempre conspirou nas trevas, manejando as armas vis da calunia e maledicencia, ao vilão, a quem metteram o cargo na mão.

Se, pois, a brilhante posição do sr. seu pai e a sua elevada hierarchia nunca obliteraram em nosso collega os sentimentos da dignidade, levam-lo-o a certejá-lo cobardemente, como poderia elle fazel-o ao adversario natural, a quem sempre combateru com a mais rude franqueza quando se fez mister?

O sr. dr. Viveiros de Castro é simplesmente um papagaio, um repetidor das torpezas que seus amigos inventaram e s. exc. teve a indignidade de mandar escrever no livro das actas do *centro-onça* e reproduzir sob variadas formas nas paginas da gazeta do seu detestavel governo com applausos do

seu animo tacanho, cobarde e traço-eiro.

Vê s. exc. que andou errado moldando pelo seu o character inquebrantavel do nosso collega, que s. exc. não sabe imitar, nem mesmo deparando-se-lhe propicia occasião, como agora que s. exc. vê nos conselhos da corôa o maior adversario de sua familia.

O dr. Coelho de Rezende collocado no lugar e condições de s. exc. não permaneceria no governo desta provincia uma hora além da em que officialmente tivesse a certeza da entrada para o governo do homem com quem s. exc. deve reputar-se impossivel, seguido as leis do brio e da honra.

O columnistador do nosso amigo dr. Coelho de Rezende assim não o entende, continuando preso áquella cadeira qua tantas delicias ha proporcionado-lhe!

E é um homem assim que se propõe a marear o character daquelle que soube em tempo ajuizar com exactidão mathematica da leveza dos seus sentimentos e de sua conducta, traçada sobre as mezas do bote e os prazeres da dança, que fizeram-no notavelmente decadente!

S. exc. é mais digno de lastima do que de odio!

O seguinte trecho do escripto do sr. dr. Viveiros de Castro, fal-o digno da causa que esposou na provincia: «E como o partido liberal não pôde perdoar ao exm. sr. dr. Viveiros de Castro ter até hoje merecido as adhesões do partido conservador, que *inteiro* applaude sua administração, tornou-se o sr. dr. Coelho de Rezende opposicionista porque os seus interesses são hoje os do partido que o elegou deputado provincial.»

Tão moço e tão impudente!

Aos 50 annos a couraça do cynismo fal-o-ha invencivel nos torneiros do des-pudor!

Com effeito, s. exc. promette assás!

Então o partido conservador *inteiro* applaude a sua administração, sr. dr. Viveiros de Castro?

E porque malgre perdeu s. exc. a eleição provincial no 2º districto, onde temos notavel maioria no eleitorado?

Tão moço e tão necessitado de sentimentos verdadeiros!

O sr. dr. Viveiros de Castro teve a generosidade de lembrar ao nosso collega a fineza q' s. exc. e pessoas de sua familia dispensaram-lhe em 1886, quando aquelle regressava da Corte com escata pelo Maranhão.

O nosso collega lembra-se com gratidão dessa gentileza.

Vindo da Corte no mesmo vapor em que veio o exm. sr. dr. José Bento de Araujo, presidente daquelle provincia, o nosso collega foi hospedado no Maranhão por seu cunhado, o dr. Luiz Duarte da Silva, então chefe de policia da mesma. No dia de sua chegada foi honrado com o convite alludido por s. exc.

Seu cunhado com a familia o foi egualmente, cabendo-lhe até importante papel na distribuição dos brindes.

Estas attentões, que tanto penhoraram-nos, não evitaram que o dr. Luiz Duarte, pouco tempo depois, fosse enfraquecido em sua força moral de autoridade amiga pelo sr. dr. Viveiros de Castro, e por todos os membros mais

salientes de sua familia, como é publico e notorio.

Do insolito e perfido procedimento dos Castros respondeu o dr. Luiz Duarte, renunciando immediatamente o honroso cargo de confiança do governo imperial, cujo exercicio deixou incontinente para nunca mais reassumir, solicitando com instancia sua demissão.

Assim procedem os homens briosos.

Estalção de pundonor não aproveitou ao sr. dr. Viveiros de Castro, collocado em situação muito mais melindrosa, e por isso elle teve o arrojo de escrever no editorial a que damos resposta, que o nosso collega faz-lhe opposição por instigação de outros.

Quem não possui o sentimento da honra, quem afoga os estímulos da dignidade nos passatempos que prendem as almas effeminadas, julgando os outros por si, não lhes faz injuria.

Do exposto conclue-se que a sympathia que o sr. dr. Viveiros de Castro tinha pelo nosso collega dr. Coelho de Rezende em 1886, converteu-se em odio e na mais atroz perseguição, como o nosso collega demonstrou á saciedade no artigo de 15 de janeiro.

Diz s. exc. que o nosso collega felicitou-o por seu despacho para esta provincia, considerando-o um dos mais brilhantes talentos da nova geração.

Não sabemos se com effeito são estes os termos de sua felicitação; mas é certo que o nosso collega fazia do talento de s. exc., do seu criterio e, sobretudo, dos seus sentimentos politicos juizo muito elevado.

E enganou-se, como ha succedido á muita gente boa.

*Errare humanum est.*

N'um ponto, porém, o sr. dr. Viveiros de Castro esqueceu-se da verdade, e foi quando disse que o nosso collega recommendára-lhe um candidato a emprego publico que não tinha o concurso que a lei exigia, e por isso deixou de ser nomeado, quando s. exc. então ignorava que esse candidato tivesse sido reprovado. Pelo menos a desculpa da não nomeação veio do centro (sempre o centro-onça!) ter outro candidato. Pergunta o sr. dr. Viveiros de Castro—o que fez s. exc. antes da chegada do nosso collega em hostilidade a este?

Fez tudo quanto pode e se acha apontado no longo artigo publicado na «Reforma» de 15 de janeiro.

A allegação de ter nomeado os candidatos á supplicia de juiz municipal indicados pelo capitão Antonio Coelho e outros amigos nossos, não colhe, porquanto naquelle tempo a dissidência no 2.º districto estava em começo, exceptuado o collegio de Pedro 2.º, onde pequeno grupo de eleitores capitaneados pelo chefe Jacob Uchoa, se achava em franca hostilidade á politica do dr. Coelho de Rezende, por instigações do chefe.

Nesta localidade os supplentes do juiz municipal couberam aos dissidentes, disconsiderado-se accintosa e ostentadamente a legitima influencia conservadora do termo.

Este facto por si só diz muito da integridade dos sentimentos politicos do sr. dr. Viveiros de Castro e das suas sympathias pelo nosso amigo dr. Coelho de Rezende.

A proposta de tenente-coronel do nosso prestimoso amigo Costa Araújo, já tinha sido feita pelo presidente Menezes Prado, e se s. exc. nomeou, como diz, alguns amigos nossos para cargos publicos, fel-o na esperança de chamal-os ao centro, quando as cousas não estavam ainda discriminadas e nutriam a esperança de corromper os com promessas fallazes e torpes calumnias, como o fizeram ao promotor publico das Barras e a muitos outros, dos q' sempre pagam nestas occasiões criticas seu tributo á ingenuidade.

A parte que o sr. dr. Viveiros Castro teve na trama infernal urdida contra o

dr. Coelho de Rezende, foi tão saliente e tão insensata e cobarde que s. exc. não poderá jamais encontrar motivos que attenuar possam a negrura do seu procedimento, duas vezes indigno, por isso que feriu com as armas da diffamação a quem nunca o offendera e ao mesmo tempo concorreu com a sua insensatez para o esphacelamento do partido, mandando excluir o nosso collega da organização da chapa provincial, abrindo guerra a mais crua á sua candidatura.

Para confundir o embuste desse presidentezinho escriptor, vamos transcrever aqui do artigo de 15 de janeiro, por vezes citado, a exposição do honrado e brioso ex-promotor publico de Pedro 2.º, chamado á capital antes da chegada do nosso amigo para impor-se-lhe a negra traição a que submeteram o das Barras, sob pena de demissão, demissão que realisou-se mesmo antes da eleição, e occasionou o nosso rompimento, pois até então eramos vil e indecorosamente injuriados pela lacuada do sr. dr. Viveiros de Castro, á qual respondiamos sem tocar de leve no nome de s. exc.

Attenda o publico para a seguinte transcrição e confronte-a com o que o sr. dr. Viveiros de Castro escreveu no seu artigo inserido na «Epoca» de 10 do corrente:

Diz o capitão Raimundo Mendes:—«Logo que cheguei tive visitas do dr. Theodoro, que tratou-me do assumpto, a quem declarei não poder acceder aos desejos do Centro, 1.º porque a junta conservadora deste municipio competia resolver semelhante negocio, 2.º porque eu não acreditava no que se dizia de Vc. e, se alguma cousa eu pudesse fazer, era em seu beneficio. Em seguida tive a honra de receber outra visita—do sr. major Firmino Pires Ferreira, que convidou-me a ir ao chá presidencial, instando para que eu não deixasse de fazel-o. Pedi-lhe desculpa, porque estava enfiado da viagem e só no dia seguinte poderia apresentar-me á s. exc. para receber suas ordens, pois tinha vindo a chamado seu. Fiquei só no meu quarto ouvindo as pilherias dos jogadores e pensando no motivo com que s. exc. havia de disfarçar o meu chamado á capital.

No dia seguinte ás 12 horas subi as escadas de palacio, e fazendo-me anunciar á s. exc., fiquei na sala de espera. No gabinete conversavam mais de uma pessoa, mas eu nada percebi.

Mais logo sahio-me o homem, a quem eu teria de perguntar pelo presidente, se já não o conhecesse tradicionalmente.

Dirigiu-se á mim, abraçou-me affavelmente, mas eu senti nesse abraço um não sei que de extraordinario que gelou-me o sangue. Chamou-me á sala das conferencias e alli disse que não tinha mandado chamar-me a serviço publico, mas sim para entender-se sobre negocios politicos, pois era eu um empregado sem manchas.

Agradecei-lhe tanta fineza, visto que me julgava e me julgo pequeno para ser ouvido nos altos negocios politicos da minha provincia.

Respondeu-me que não, que isso era demasiada modestia minha, que eu era a alma pensante do partido desta localidade, e em consequencia disto me havia chamado. Creia, que se eu não me conhecesse, me julgaria nessa occasião um grande homem; mas conhecendo-me e sabendo já do caracter do chamado, que era para uma imposição de um superior á um inferior, disse-lhe que não, que a minha posição era humilissima, já pelo meu estado de pobreza e já pela fraqueza da minha intelligencia, acrescentando a tudo isto que o meu partido tinha chefe que antes de mim já dirigia seus destinos. A palavra pobreza animou ao homem e levou-o a patentear-me os seus planos (de accordo com o Centro, dizia elle) trazendo a questão da companhia de vapores, de

qual dizia ter sido vc. o advogado, (1) mediante ajuste com os adversarios, e mais que vc. havia traído ao conselheiro João Alfredo, (2) na cessão, que fez da candidatura para o dr. Pires em Janeiro de 1885.

Quanto á primeira disse-lhe de cara a cara que não acreditava.

Elle interpelou-me se punha em duvida a sua palavra, quando elle era o primeiro a dizer-me não ter os documentos que eu exigia para poder dar credito a accusação, firmando-se por consequencia em ditos dos seus inimigos; que eu precisava requerer a companhia uma certidão do contracto com vc. e do pagamento recebido, sem o que não poderia dar credito ao embuste; quanta ao 2.º, eu conhecia melhor o facto do q' s. exc. visto que quem não quiz o dr. Pires Ferreira, foi o Centro, dando esta recusa logar a vc se apresentar em lugar delle.

Disse-me s. exc. ainda uma vez que eu não arranjaría certidão, e que quanto ao segundo ponto, eu estava mal informado, acrescentando, que de mim tudo confiava. (3)

Agradecei-lhe ainda uma vez, declarando-lhe, porém, que não constitua a vontade do partido, e que a constituir, todos votariam em vc; e como me faltavam forças, o meu voto seria indubitavelmente para aquelle que me acolhera, me dera a mão, mesmo contra a vontade do tal Centro, que aliena a dissidência desta terra.

Então elle disse-me que resolvesse de cá; e que muito sentiria se se visse na necessidade de dimittir-me!

O sr. Viveiros de Castro recorreu á mentira para justificar o seu procedimento desasado e injustificavel para com o dr. Coelho de Rezende, antes mesmo da chegada deste á provincia, desempenhando o papel de porta-voz dos abjectos calumniadores, que ha muito se apossaram do seu animo imbecil e ver-satil.

A transcrição supra, inserida no artigo editorial da «Pagina Conservadora» da «Reforma» de 15 de Janeiro, prova á evidencia que o sr. dr. Viveiros de Castro não acatou a verdade quando affirmou votar sympathias ao nosso collega dr. Coelho de Rezende e jamais o haver hostilizado antes da sua chegada á provincia.

Quem disse-lhe, sr. dr. Viveiros de Castro, que o nosso amigo o offendeu, dirigindo-lhe pungentes injurias em brindes feitos á mesa do banquete do dia de sua chegada, segundo escreveu s. exc.?

S. exc. não tem pejo de ser mais uma vez confundido nos seus embustes?

Justifique as suas creanças com a subserviência do seu animo ductil, mas não continue a inventar factos deponentes contra o nosso collega, já sufficientemente infamado por s. exc. e pela malta que o secunda na empreitada da diffamação.

(1) E o sr. seu pae, sr. dr. Viveiros de Castro, não é advogado de uma das companhias liberas de navegação a vapor dos rios do Maranhão, percebendo annualmente pingue honorario?

Porque s. exc. não manda injuriar-o e infamar o por esses mil modos porque o ha feito a mim? Sr. Viveiros de Castro, não é deshonroso e nem illicito a advocacia do sr. seu pae por partido, mas pergunta-se: elle poderá oppor-se á renovação dos contractos da companhia, aos seus melhoramentos, & ? Poderá pedir a sua suppressão? Certo que não.

Fazemos ine esta pergunta para o caso mesmo de ser verdadeira a calumniosa e iramante imputação levantada pelo sr. dr. Viveiros de Castro e os seus alcoviteiros contra o nosso preado amigo dr. Coelho de Rezende.

(2) O sr. Viveiros de Castro está incumbido de como os antigos cavalleiros andantes, de vingar as affrontas e traições feitas, segundo a sua mente, pelo nosso collega dr. Coelho de Rezende á todas as creaturas que têm ligação com o sr. dr. Pires Ferreira!

E' provavel que nas futuras eleições geraes s. exc. consiga os seus sonhos dorados elegendo-se com os 6 votos do sr. tenente-coronel Castro.

(3) Que srpente venenoso; que sedução infame! Este homem tem a coragem inaudita de escrever que antes da chegada do nosso collega á provincia, elle não o hostilizava?!

Poucos amigos escaparam á cabala infernal de s. exc. e dos seus alcoviteiros para que o nosso amigo não tivesse recepção á sua chegada!

Com razão estes foram os unicos convidados á ter parte no modesto jantar que a familia do nosso amigo preparou-lhe nesse dia.

Entre os convivas destacavam-se pessoas distinctissimas, como o honrado chefe de policia, dr. Firmino Licínio da Silva Soares. Este que diga se de qualquer modo ou a qualquer proposito, o nome de s. exc. foi fembrado durante os brindes.

Se s. exc. continua a fazer politica de intriga, de calumnias torpes, de destes aprendidos nas ribeiras, nós temos outro modo de ver e encerrar as cousas, e só continuamos a chegar e ferro em braza as carnes putridas dos inimigos, quando por fatigados já não podemos suportar-lhes as investidas.

Ha mais de tres annos suportamos silenciosos as vilezas dos janisaros da sua guarda, e ainda permaneceriamos silenciosos diante do descabro moral desses individuos perfidos e maldizentes, se elles não tivessem tomado a nossa prudente reserva por cobardia, atacando-nos desde a pasquinada que elles chamam *acta do Castro*, ás paginas, escoa-douro de todos os pasquins, onde s. exc. publica, a um tempo, os fructos enfezados do seu *governicho* e as fezes de sua alma pequenina, suppondo acobardar-nos com a publicação dessas asquerosidades!

O nosso collega, com quanto muito devesse desvanecer-se com a sua visita, todavia, sr. dr., passaria *muito bem* sem ella, como com effeito ha passado até hoje, evitando-o por toda parte.

Não é, pois, exacto que a falta de visita occasionasse nosso rompimento com s. exc., o qual verificou-se depois, tendo por causa as demissões dos nossos amigos de Pedro 2.º

No entanto a visita do sr. dr. Viveiros de Castro ao nosso collega teria, alem da outros, o grande alcance politico de haver evitado o esphacelamento do partido, porque, aberta essa porta ás suas relações, era bem possivel que s. exc. ouvindo-nos, arreda-se do seu espirito as caraminholas ahí introduzidas pela maledicencia e pela perversão moral dos individuos que fizeram o seu descredito, suppondo fazer o nosso.

Volte, s. exc. para a *gruta dos Remedios*, onde os seus socios e companheiros de pandegas duvidosos o aguardam de braços abertos.

Vá afogar alli os remorsos dos erros das suas eriançadas e do servilismo que o ha gangrenado e ás pungentes saudades das *doçuras* dos bailes que a posição conquistou-lhe e que perderá com a perda dessa posição!

Retire-se para alem do Parnahyba, tomando o caminho de Caxias.

Tenha pejo de continuar a polluir uma cadeira que já pertence a outro.

Saia-se d'ahi ao menos fugido. A sua permanencia nesta terra é o maior dos escandalos!

Suma-se!

o sr. dr. Jayme Rosa.

Como deu-se a cousa? Houve troca de votos, e dahi a derrota dos mimos do peito do centro-onça, ou o nosso collega feriu-os somente por vingança?

Se o nosso collega é nullidade no 2.º districto, não podia derrotar governo, centro, o Barão e o historico general Epaminondas.

Pois é crível que os folicuarios entendam que nosso collega dr. Coelho de Rezende, como o Christo, deva receber bofetada em uma face e offerecer á outra á igual insulto?

Queriam os cogumellos e os seus assecias, os prepositos das mil calumnias derramadas por todo o paiz, que o nosso collega se deixasse morrer ás mãos dos infames que o nodavam, somente para poupar aos candidatos do partido (lles) vergonhosa derrota?

Queriam derrotar, mas não queriam ser derrotados?

Então a nossa generosidade deveria chegar ao ponto de preferir o suicidio politico á

derrota daquelles que detravam-nos com todas as forças de uma quadrilha de infames traidores e calumniadores impudentes?

Era difficil prever o que ha succedido entre os conservadores do Piahy. Tres ou quatro tratantes, de mãos dadas com um fedelho, tomam aos hombros a infame tarefa de alijar do partido um deputado...

São muito pretenciosos os taes senhores do cerebro Castrito! Ainda mais; aquillo que é virtude nos srs. drs. Coelho Rodrigues e Jayme Rosa, no nosso collegio é crime.

Querim, pois, os taes tratantes da Epoca que os Veras, os Epumiondas, os Lopes, cumprindo as ordens do chefe, derrotassem ao nosso collega, custasse o que custasse...

Esta é a moral do frei Thomaz. Diz o sr. Jayme Rosa, que os votos de S. Philomena, que deram lhe ganho de causa, não foram dados pelos liberaes; mas foram o resultado de uma eleição simulada...

Oh! esta é mesmo de Cicero piahyense!

Diga-nos illustração pouco vulgar, então quando a eleição é feita a bico de penna, s. exc. pode ter mais do triplo da votação natural sem favor do seu adversario?

A menos que o senhor coronel Lustosa haja comprado seu silencio e complicitade na feitura de uma eleição falsa pelo preço de 27 votos, não se comprehende porque a eleição simulada, feita por accordo dos dois partidos, obtivesse para s. exc. tres vezes mais dos votos naturaes sem concessão generosa, mesmo muito generosa, da parte do chefe liberal.

S. exc. tem a cobardia de confessar ou talvez de attribuir a liberaes e conservadores de S. Philomena a pratica de um crime, pensando assim evitar a realidade da concessão feita pelos liberaes, mediante confissão indecente, o compromisso dinheirosos de s. exc. quando deputado, não fazer guerra a companhia, conservando silenciosa sua palavra d'ouro!

Ganhou e insinou que, quando a eleição é feita á bico de penna, o candidato do eleitorado em memoria no collegio, pode obter votação tres vezes maior a do eleitorado do respectivo partido sem que nisso vá concessão alguma da parte do chefe da parcialidade contraria!

Diz s. exc. que liberal algum diz o contrario daquillo que s. exc. afirma na Epoca de 10 do corrente, isto é, que não houve offerta de votos.

A prova! Pois fique sabendo que muitos nos têm dito a verdade, competindo ao coronel José Lustosa dar a ultima palavra sobre esta pendencia, e a ambos os partidos politicos de S. Philomena dizerem se com effeito s. exc. levou ali 40 votos nas ultimas eleições geraes, porque a eleição foi feita a bico de penna.

Então o sr. dr. Coelho Rodrigues fez transacção com os liberaes sem prejuizo dos conservadores governistas?

E os votos trocados? Aquelle podia trocar votos para garantir-se contra co-religionarios que particularmente eram seus amigos e que o haviam excluido da chapa apenas por imposição do governo, e passe que o nosso amigo, espesinhado, detestado, perseguido, não o devia fazer por amor ás feras que o atassalhavam?

Que logica de bandidos!

Os liberaes deviam eleger ao dr. Coelho, por que era oppozcionista; mas não ao dr. Rezendes, que é inimigo dos Jaymes, Theodoros, Castros et reliqua!

Grande cousa é o tratante ser apanhado com a bocca na botija. Procura sabida, justificação 2, 3 e 4 semanas, e, afinal, cara dura no caso!

Os cães de fila do sr. Viveiros de Castro

Sob a acção nefanda do misero bisborria, sabiram-se com uma mais annunciando que o nosso amigo dr. Coelho de Rezende foi...

bordo de um dos vapores da Companhia fazer pazes com o dr. Firmino Martins. A insistencia com que esses miseraveis perveram nesta nova infamia, deixou-nos apanhados da fúria na propagação da mentira em interesse qualquer, que escapa á nossa comprehensão.

Pelo sim, pelo não, é preciso ter paciencia com os miseraveis caras-duras do sr. Viveiros de Castro, dizendo o que se passou.

Na occasião do embarque do filho do nosso collega dr. Coelho de Rezende, alguns amigos convidaram-no a descer no respectivo vapor até onde encontrassem o vapor Therezense, que, vindo da Parnahyba, era esperado nesse dia.

O nosso collega accedendo ao gracioso convite, teve de encontrar a bordo do Therezense, entre outros passageiros, o dr. Firmino Martins, a quem cumprimentou simplesmente, fazendo outro tanto na despedida; mas se tivesse procurado fazer pazes com o mesmo dr., não teria por certo commettido uma acção tão negra, como a que praticaram para com o nosso collega os infamissimos safarlanas da Epoca, que o venderam por cume, por traição, por inveja, como o fizeram a José os filhos de Jacob. Esses miseraveis, sim, são dignos de ser assignaladas na frente com o estylo da degradação moral torpissima que os distinguirá sempre entre os mais perfidos dos judas de todas as classes sociais.

Esses detestaveis maldizentes, que ferem o ornão de crengas, a quem abraçavam com effusão, são mil vezes mais dignos de nota do que sua victima, se porventura procurasse áquelle a quem feriu em luta politica local por causa dos interesses geraes da communhão, e especies de alguns desses honens torpes e degradados!

Esses detestaveis maldizentes, que ferem o ornão de crengas, a quem abraçavam com effusão, são mil vezes mais dignos de nota do que sua victima, se porventura procurasse áquelle a quem feriu em luta politica local por causa dos interesses geraes da communhão, e especies de alguns desses honens torpes e degradados!

O nosso collega soube que certo figurão da Parnahyba, querendo afastar o dr. Firmino da alliança Liberal Rezende, mostrou-lhe uma carta em que este amigo tratava da renegação do dr. Firmino Martins, tendo o iniguo intrigante do dr. Martins a seguinte resposta: Peior do que isso disse elle de mim pelas gazetas e eu delle, e muito peor ainda estão nelle dizendo aquelles por quem elle muitas vezes ataque-me. Se em Therésina for visitado pelo dr. Coelho Rezende, será a primeira visita por mim retribuida.

Esta noticia foi-nos transmittida em cartas vindas no mesmo vapor em que veio o dr. Firmino Martins. O nosso collega cumprimentou-o por um cartão, agradecendo-lhe os seus serviços electoraes, como era de boattiqueta.

O dr. Firmino Martins respondeu o seguinte: «Ao exm. sr. dr. Simplicio Coelho de Rezende Firmino de Sousa Martins agradeço retribue os cumprimentos, que lhe dirigio; e declara que nada lhe deve, e sim ao directorio do partido liberal, pelo brilhante resultado de sua eleição. Pede-lhe e a sua exm. família suas ordens para o Amarante, Oiras e Picos. Therésina, 15 de Fevereiro de 1888»

Eis o que houve entre o nosso collega e o sr. Firmino Martins pelos motivos que ficam expostos.

Agora o que o publico não sabe e nem os caracteristicos patifes da Epoca dizem, é que um dos membros do Centro unga, um daquelles que delle mais soffreu, foi visitar ao dr. Firmino Martins, teceu-lhe muitos elogios pelo bem elaborado de suas sentenças, aduou-o muito e concluiu pedindo-lhe a indicação dos artigos por elle publicados contra o nosso collega.

Entes tão pustulosos podem arremessar a pedra a alguém?

Então esses reles tratantes podem deputar um dentre elles para cumprimentar pessoalmente ao dr. Firmino Martins em nome de todos, solicitando-lhe ao mesmo tempo favores contra o nosso collega; mas este estava inhibido de agradecer áquelle o auxilio politico prestado á sua eleição, quando todos os salvados do centro os seus aquizos moveram contra guerra de exterminio nas urnas e na boa fama?

Co no são gaitos os taes garotos!

Outro officio, miseraveis

Adstringencia politica

«Minha bella Maria, tudo pressa; A sorte deste mundo é mal segura; Se vem depois dos males a ventura; Vem depois dos prazeres a desgraça»

O arrebitado pimpolho do sr. conselheiro Gomes de Castro vai servir um pouco do trazo do ostracismo: S. exc. fedelho vai trazer alguns dissabores eguaes aos que nos tem este trazer!

Quando á tija da amargura tiver tocado com esses labios neceratos... diga nos, collega de ostracismo, se o passatempo tem pontos de contactos com o dos balles, bolos, pontares, e... o cabresto do Cheão, do sub...

chefe e do Cicero, o phosphoro da eleição feita a bico de penna, desse phosphoro, tres vezes phosphoro, porque é filho de uma falsificação, de um augmento de votos e de uma depuração!

Vamos ler sortes eguaes, sr. Castrito, como os infelizes têm entre si muitos pontos de união, fique sabendo que o seu exil. conquistará nossas sympathias, e, conte, não faremos como s. exc., que se vendeu por um prato de bolos.

Com o Cicero não conte, caro senhor, por que este é capaz de negar o Christo tres vezes, e, por conseguinte, de abandonar ao proprio inventor, desde que este vá para opposição. Tome nota disto.

O nosso artigo do ultimo nº traz o retrato fiel dos sentimentos desse aventureiro, desse trapaceiro politico que não se peja de infamar os amigos, attribuindo-lhe a forgição de uma eleição falsa, justamente aquella que deu-lhe a maioria dos 20!

Não conte, pois, com esse traste, por amor do qual o exm. trahiu um homem que sabe ser amigo.

Mis, exm., voltamos á vacca fria.

Porque s. exc. não abre mão dessa cadeira?

Exm., deixe isso, seja homem, ou, ao menos, apparente dignidade.

O que valem 6 ou 8 dias mais de governo, desses cumquibus reles; de que s. exc. não faz caso?

A sua permanencia, exm., nessa cadeira servindo ainda de instrumento á gente tão ruim e perfida, é desanimadora, porque convence que s. exc. não tem aquillo que sobra em muita gente: pandonor!

Por quem é, exm., deixa a cuja, nos é quem lhe pede!

Deixa?

Pois sim.

Os Jaymes e os Theodoros.

Baltes de provas, em que apoiar possam a impostura da subtração de votos dos candidatos derrotados pela ineptia e petulancia de quererem excluir do partido o nosso collega dr. Coelho de Rezende, o Cicero e o le roi de Cervantes com o seu esculdeiro proseguem no seu papel in digno de diffamação do ouro da Companhia, apesar do tratado do Cicero ter entrado para as agias de Nietheroy com a importancia de vinte contos, com os quaes a Companhia arrolhou lhe a bocca pustulosa no parlamento!

Já é descarado!

Os sevandijas do repolho.

Não podemos dar resposta á Epoca de 17 do corrente, por falta de espaço.

Do filho do sr. Gomes de Castro apenas pedimos que quando quiz elogiar ao proprio pae e bajular ao conselheiro Francisco Bellario, procure outro derivativo; e mais solicitamos do exm. fedelho a fineza de por em prontos limpos a soliviedade de honra, de que falla no seu editorial da citada Epoca de 17.

Dispensamos as considerações de s. exc. invocando-o a fazer publico tudo quanto souber a nosso respeito, devido ou não ao roubo da nossa correspondencia.

O mais para o nosso seguinte nº.

Agora duas palavras aos mastins encoleirados do famoso repolho.

Dizem esses safarlanas que pretendemos intrigar os com o nosso prestimoso amigo, capitão Felix Antonio de Moraes e Vasconcellos, digno chefe conservador de Marvão, narrando infelmente a perseguição movida ao sargento Faustino, que elles são os proprios o conselho, composto de um liberal, insuspeito a nosso amigo dr. Coelho de Rezende, letradasse, mas sim o animado, vil e abjecto instrumento dos taes tratantes.

Bem, o sargento teve 8 dias de prisão, e azer do conselho não achal-o em culpa, e alem disso pagou a arma velha quebrada, com que se defendeu dos soldados que o agrediam, por 23\$748 reaes!

Dizem ainda os sevandijas que o capitão Moraes não escreveu ao centro onça, falando a favor do sargento.

E se tivesse feito, o sargento estaria salvo? O digno chefe conservador de Marvão que está sentindo de todas as occorrencias e da perseguição atroz movida ao seu protegido, que avalie da sinceridade dos patifes que nos contestam.

Hoje o que queremos tirar a limpo não é a historia da intriga, porq' os infames lacaios do Chico Repolho não nos injuriam e m arando-nos a si, que alimentam-se de mizericos, mas que esses descarados mentirosos provem; por qualquer meio de prova, salvo a indução que, dizem, é a primeira das provas, quando ou quem o nosso collega dr. Coelho de Rezende disse que os maldizentes, os postiferos calumniadores, detestaveis e maseabandos maldizentes da Epoca, tinham mandado hostilisar ao capitão Moraes e a dous outros candidatos do 2º districto.

Até onde levareis a vossa abjecção, monstros e desalmados canalhas? Oh! je sentimo-nos baldos do resignação para desmentir á estes tão desbriados!

A prova, miseraveis, ou então haveis de confessar, sois os canalhas, mais reles, pifios e infimos de todos os habitantes da terra!

Se as vossas almas poluidas possuem um resquicio de honra, confundam-nos e não o fazendo, fazei nos aos deuses para que estanquem a cornucopia das vossas miseraveis mentiras.

Evitae, monstros desbriados, provocações sollemnes como esta, que deixam-vos com cara d'asno!

Está lançada a lava: quer-mos a prova ou a fuga do costume!, quando mentis, mentis, mentis safadamente!

A escola de aprendizes marinheiros da Parnahyba

O commandante da escola de aprendizes marinheiros da Parnahyba, Jose Augusto Damazio, parece estar associado á casa commercial daquella praça, que gyra sob a firma—Franklin Veras & C., conforme se deprehe do artigo infra e dos documentos que ao mesmo acompanhiam.

Se o sr. commandante Damazio não é interessado naquella firma commercial, então dispensa-lhe a mais desbregada protecção, impondo aos fornecedores da Escola a transferencia á dita casa dos fornecimentos contractados, como prova-se com a cessão abaixo publicada, feita sob a pressão narrada no artigo mencionado.

Quem faz arrematação, firmando contracto de fornecimento de pão e outros viveres, ou mesmo de roupas, calçados &c. não pôde estar sujeito á imposição de prover-se em certa e determinada casa commercial, como quer e impõe o commandante dos menores da Parnahyba, sob pretexto dos generos comprados em outra parte não estarem nas condções do contracto, coagindo, por tanto, com a maior injustiça, os fornecedores á essa clausula extra contracto, como que a sua vontade seja a ultima ratio em todos os negocios daquella cova da especulações politicas.

O escandalo chega ao ponto de rejeitar-se para os menores o melhor pão que se fabrica naquella cidade, e que é servido ás primeiras mezas e até na da familia do proprio commandante Damazio, somente por que o fornecedor não milita em politica com o sr. Veras.

O seguinte facto dá uma ideia do accentuado espirito politico do sr. Damazio.

Os fornecedores S. Murta & C., sabendo por experiencia propria que o commandante dos menores por si e pelo official de fazenda, não admittie fornecimento adquerido em outra parte que não á casa commercial do sr. Franklin Veras, comprou ali, alem de outros generos do respectivo contracto, uma porção de vinagre, e enviou a ao estabelecimento. Ali chegando o vinagre, o commandante Damazio deitou uma gotta sobre a lamina de uma faca, declarando após a operação que o vinagre tinha agua.

O portador da mercadoria respondeu que o vinagre era da casa do sr. Veras, onde, segundo elle Damazio dizia, todos os contratantes de fornecimentos deviam comprar, sob pena de serem devolvidos os generos fornecidos.

Então elle voltou a operação já feita, isto é, deitou nova gotta do vinagre na lamina da faca, e viu que se tinha enganado, pois o vinagre era de primeira qualidade!

Eis os meios de que serve-se o sr. Damazio para passar a s. sr. Veras & comp. todos os fornecimentos da escola a seu cargo, arrematados por diversos concorrentes. Do exposito comprehende-se que o sr. Damazio, se não está associado aos lucros da casa dos srs. Veras & C., é o seu primeiro Caçeiro, incumbido de obter as freguezias pingues da escola por...

meio do arbitrio das multas e impostas aos miseros fornecedores que trabalham para os Veras?

Os fornecedores que testemunhem todas as patifarias desse maluco, e protestem, sempre que elle praticar violencia, como a dos pães devolvidos após o resultado da eleição.

É preciso que esse tratante comprehenda que aci a do arbitrio delle está o juizo dos homens honestos e a fé dos contractos.

Testemunhem o caso e façam protesto perante o tabelião responsabilizando-o pelas perdas e danos, dando em seguida conta do tudo ao ministro competente.

**Para o exm. sr. ministro da marinha e o ex. sr. presidente da provincia**

—Ver e providenciar—

Acaba o Commandante José Augusto Damazio da Escola n. 3 de Aprendizizes Marinheiros desta cidade, de praticar mais uma violencia, alem das muitas que tem explodido seu genio rixoso e arrebatado.

Tendo os fornecedores actuaes Silva Murta & Comp. entregue em trez do corrente os generos constantes da respectiva requisição do official de fazenda lhes foram em sua totalidade devolvidos, porque, dizia o Commandante, Augusto, não serem de boa qualidade, e só Franklin Veras & Comp. os forneceriam nas condições que a Escola exige; á vista pois, desta formal imposição, os fornecedores esmagados pela intolerancia do chefe supremo da Escola d'Aprendizes e receiosos de abri-luta com um homem tão valente como se inculca ser o sr. Augusto (pois tem até compadre no ministerio) viram-se obrigados a fazer cessão do dito fornecimento aos felizardos negociantes Franklin Veras & Comp. que continuarão desde já a gozar das beneficis graças do sr. Augusto Damazio, seu incançavel protector.

Tambem é diariamente violentado pelo Commandante Augusto Damazio o sr. João Dias da Silva Cutrim fornecedor de pão, pois não se passa um dia que o pão esteja a vontade do valiente Commandante Augusto, apesar do respectivo medico reputado bom.

Em abono dos creditos deste fornecedor tem a população desta cidade cujo pão é de muita circulação e portanto do que se alimenta a maior parte da população até o proprio Commandante Augusto.

Conteste, se é capaz!

Chamamos a attenção dos poderes competentes e do publico para o documento abaixo, que tendo o cunho da verdade desarmará o bote que tiver de armar o Commandante da Escola José Augusto Damazio ou seus mastins assalariados.

Parnahyba, 8 de Março de 1888.

A verdade.

Parnahyba, 8 de março de 1888.

Srs SILVA MURTA & COMP.

Nesta cidade

Amigos & srs.

Constando-nos que os generos por v. mcs. fornecidos como contractantes á escola de aprendizizes marinheiros n.º 3, desta cidade, foram em sua totalidade rejeitados pelo respectivo commandante José Augusto Damazio, sem o competente exame do medico da mesma escola, pedimos-lhes, para o nosso governo, de ao pé desta declarar-nos ser ou não verdade.

Rogamos-lhes mais que nos declare se lhes consta que durante o tempo em que foram fornecedores á mesma escola os negociantes Franklin Veras & Comp. foi rejeitada mercadoria alguma destes ne-

gociantes, apesar de serem iguaes ás que v. mcs. forneceram e das que ha á venda neste mercado.

De sua resposta permitta fazer o uso que nos convier.

De v. mcs. amigos creados obrigados

Alfredo Pedreira & comp.

Parnahyba, 8 de março de 1888.

Srs. Alfredo Pedreira etc comp.

Nesta Cidade

Amigos e srs.

Em resposta a seu favor de hoje datado tenho a informar a v. mercês que, infelizmente sendo fornecedores a Escola de Aprendizizes Marinheiros, tivemos de entrar no dia 3 do corrente com os mantimentos da requisição, sendo porem, alguns d'elles devolvidos, como feijão, bacalhão, farinha, vinho e manteiga e alguns outros que logo me foram indicados verbalmente pelo commandante Damazio haver de boa qualidade em casa dos negociantes Franklin Veras etc Comp.

A vista pois desta formal prevenção do sr. commandante Damazio e por entendermos que o desejo d'esse chefe é collocar mal a todos os negociantes d'esta pequena cidade afim de endeozar os seus ditos amigos Franklin Veras etc Comp, resolvemos acceder a concessão a que fomos impellidos em favor d'aquella casa, como verão v. mercês do documento, que juntamos.

Quanto ao segundo item, não nos consta e até mesmo duvidamos que seja devolvida qualquer mercadoria que para a Escola for remetida pelos srs. Franklin Veras etc Comp., pois até nos parece que não existe medico para examinal-as.

Quanto ás qualidades das mercadorias que fornecemos, lhe podemos assegurar ser da melhor qualidade que existe no mercado.

Desta poderão v. mercês fazer o uso que melhor lhes approover.

Com estima, somos

De v. mercê amigos obrigados e cr.ºº

Data erat-supra.

S. Murta etc Comp.

J.

Reconheço verdadeira a firma supra por ter della inteiro conhecimento, do que dou fé. Parnahyba, 8 de março de 1888.

H. G.

O Tabelião interino.

José H. Guimarães.

Copia: Aceitamos o offerecimento dos srs. S. Murta & Comp. d'esta, como procuradores, a proposta feita pelos mesmos srs. de fornecermos os mantimentos, sobresalentes e dicta, a Companhia de Aprendizizes Marinheiros, durante este semestre de Janeiro passado até Junho vindouro, de conformidade com o contracto que assignaram para com a dita companhia, e recebermos as importancias das respectivas facturas e requisições da Alfandega. Obrigamos a satisfazer qualquer adulteração. Passamos esta em 2 vias, ficando uma em nosso poder e outra em poder dos referidos srs. nas quaes assignamos para validade.

Parnahyba, 7 de Março de 1888.

Franklin Veras & Comp.

Josias Benedicto Moraes

S. Murta & Comp.

(Está reconhecida a firma pelo tabelião interino José Henrique Guimarães.

GAZETILHA

Organisação Ministerial.

Em 11 do corrente foi o gabinete organisa-

do pelo seguinte modo:

P. do Conselho e Ministro da Fazenda—Se-

nador João Alfredo.

Ministro de Estrangeiros—Senador A. Prado.

Ministro da Marinha—Senador Vieira da Silva.

Ministro da Guerra—Senador Thomaz Coelho.

Ministro da Justiça—Deputado Ferreira Vianna.

Ministro do Imperio—Deputado Costa Pereira.

Ministro da Agricultura—Deputado Rodrigo Silva.

**Não chores.**

Não gosto, Leticia, de ver-te chorando, Que os prantos q' vertes me encham de dores; Chorando és sublime; mas vindo és mais bella, Por isso riamos, senheiros amores.

Não chores, não queiras, querida, magoar-me, Que o peito que ama repelle os soffreres; Alegra-te: eu quero contigo contente Gozar só venturas, fruir só prazeres.

Assim... mais risonha... um pouco mais viva... Corramos, são horas, aos prados voemos; E, longe do mundo, nas selvas sombrias, Falemos dos sonhos que a noite tivemos.

Ali, o regato que banha as florestas Sussurra, mas nada revela a uinguem; Podemos, tu sabes, a gosto gozar Prazeres, delicias que outros não têm

Bepressa, meu anjo! .. E, dadas as mãos, Corramos ligeiros ao pé das collinas; Que lá nos esperam dois leitões formados De lírios, de rosas, de lindas bouinas. 3 de março de 88

Olive de Senvenit.

**ARISTIDES RIOS**

Este distincto e talentoso moço, que com raro brilhantismo fez os seus preparatorios perante a commissão do governo nesta capital, seguiu para Pernambuco, afim de matricular-se na Faculdade de Direito.

Acompanhou-o até Caxias o nosso presadjimo amigo, coronel Antonio Joaquim da Silva Rios, seu digno pai, que por alguns dias honrou com sua presonça a sociedade thesiniense.

Ao joven Aristides Rios um aperto de mão e votos sinceros para que alcance no tirocinio academico as mesmas victorias sempre ganhas no curso de humanidades.

**REGISTRO LOCAL**

Já se acha nesta capital o nosso importante e respeitavel amigo, coronel João da Cruz e Santos. Tambem já se acha-se nesta capital

o nosso presado amigo major José João dos Santos.

Esteve entre nós o nosso illustrado amigo dr. Bento Borges, juiz de Direito de Oeiras.

**PREVENÇÃO**

A Epoca, o ultimo e o mais nauseabundo paquinim qu-se publica em lingua portugueza, inserio no ultimo numero um artigo do sr. José Lino contra o nosso virtuoso amigo, Padre Joaquim Monteiro.

Suspensa o publico o seu juizo a respeito da questáo: breve terá o promotor de Jeromenta resposta condigna.

**PARTIDA.**

Para o Recife seguiu com sua exma. familia o nosso distincto amigo, capitão Antonio Celestino Franco de Sa, que n'aquella capital vae exercer o lugar de escripturario da thesouraria de fazenda.

Desejando-lhe optima viagem e prosperidade no seu novo domicilio, felicitamos á r-partição de fazenda de Pernambuco pela acquisição de um funcionario tão intelligente e honesto, como é aquelle nosso dito amigo.

**MAIS UM DESFRUCTE**

O creangola de palacio fez hoje distribuir um boletim, declarando haver o gabinete recusado a sua demissão.

Que destructavel creatura! Pois não sabes, reilhado pelante, qu' assim manda a etiqueta proceder ainda mesmo com os incapazes de toda sorte? Larga essa cad-ira, que não te pertence mais, aua; o teu rumo está marcado:—é o caminho de Caxias.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

**A'borde do Colombo**

(Fabula instantanea)

Em pata de matute, n'um pé grosso e fornido brilhante de verniz se ostenta uma botina; gaiato formigão, um rato de batina contempla extaziado e bofo entamecido;—

—mas eis que o commandante, severo marinheiro, iz ao padroe astuto, ao rato e vapor: —Descalce esta botina, si quer fazer favor...

—asmac, povos e povas! Da bota sae dinheiro!

**SOCIEDADE—PHENIX THERESINENSE—**

De ordem do sr. Presidente d'esta sociedade convido a todos os senhores socios a comparecerem domingo (25) ás 12 horas de dia no Theatro Concordia para ter lugar a 2.ª sessão ordinaria.

É orador n'esse dia o sr. Antonio Frederico Corrê, que foi eleito para fallar sobre o juramento da constituição do Imperio do Brazil qua a commissão de poderes lhe deu por these.

O 1.º Secretario, Horacio Costa.